

INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR: ACESSO PERMANÊNCIA E PARTICIPAÇÃO

Katiuscia C. Vargas Antunes¹

Tratar da inclusão educacional de pessoas com deficiência não é propriamente um tema novo no cenário brasileiro. Entretanto, tratar da inclusão desses sujeitos no Ensino Superior é um tema que entrou em pauta no âmbito das pesquisas e políticas educacionais mais recentemente. A trajetória de escolarização das pessoas com deficiência no Brasil, marcada fortemente pela repetência e abandono escolar, impedia, em muitos casos, que essas pessoas acessassem níveis mais elevados de ensino. Para além, o preconceito em relação às pessoas com deficiência, materializado nos discursos e atitudes capacitistas, reproduziu a ideia equivocada de que a universidade não era lugar dessas pessoas. Pela tradição elitista e excludente do Ensino Superior brasileiro, muitos grupos historicamente marginalizados tiveram seus direitos educacionais limitados.

Com os avanços no processo de inclusão de pessoas com deficiência na educação básica e a implementação de políticas afirmativas voltadas à reserva de vagas nas instituições de Ensino Superior, o cenário começou a mudar. Na última década os cotidianos das universidades brasileiras passaram a ser habitados por um número cada vez maior de estudantes com deficiência, beneficiários ou não das políticas afirmativas. Tal cenário vem desafiando as instituições a repensarem sua cultura, suas políticas e suas práticas. Para Pedro Demo a universidade tem como função social a produção de conhecimento, com vistas a promover o desenvolvimento da cultura, da ciência, da tecnologia e, conseqüentemente, do próprio ser humano. Transformar a cultura universitária em favor da inclusão requer a implementação de ações educativas junto às pessoas com deficiência, possibilitando não apenas o acesso, mas sobretudo, a permanência e a conclusão dos estudos, rejeitando qualquer forma e exclusão.

Pensar um Ensino Superior inclusivo e diverso implica em rever os critérios de excelência e qualidade que a universidade prima e que sempre foram pautados por valores de exclusão, homogeneidade e individualismo. No contexto universitário inclusivo, a excelência do ensino talvez passe a ser pautada por princípios como cooperação, negociação, inclusão e coletividade. A mudança na cultura universitária só é possível porque os estudantes com deficiência estão nas salas de aula das instituições de Ensino Superior. Sua presença nos obriga a buscar estratégias pedagógicas diferenciadas, pensar currículos flexíveis, construir espaços acessíveis, desenvolver formas diferenciadas de comunicação, minimizando as barreiras à aprendizagem e participação.

Os estudos emancipatórios sobre a deficiência nos ensinam que a formação das pessoas com deficiência se dá através da transformação das condições materiais e sociais de produção do conhecimento, sinalizando a relevância de que elas participem ativamente do processo de construção de conhecimentos, com os pesquisadores do campo dos estudos da deficiência para potencializar a emancipação. A perspectiva emancipatória tem como principais características: i) o entendimento da deficiência como uma forma de opressão social; ii) a necessidade de visibilização das barreiras sociais que obstaculizam a participação social das pessoas com deficiência; iii) a crítica ao processo de patologização e objetificação da pessoa com

1 Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); professora Adjunta do Departamento de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); professora do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UFJF) e do Programa de Pós-graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública (PPGP/CAED/UFJF). Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Diversidade (NEPED/UFJF).

deficiência; iv) a análise dos efeitos do entrelaçamento entre gênero, raça, deficiência e outras categorias sociais para a produção de subjetividades e vulnerabilidades; e v) a importância de produzirmos conhecimentos e práticas psicossociais com as pessoas com deficiência, subvertendo a histórica associação desse grupo social ao desvio e à patologia, em consonância com o lema “Nada sobre nós, sem nós.

Nessa direção, escrever essas palavras na apresentação desta obra, que conta histórias sobre as trajetórias acadêmicas de estudantes com deficiência no UNIFESO, representa, sem sombra de dúvidas, a certeza de que só é possível romper com paradigmas excludentes e discriminatórios na medida em que compreendemos que as pessoas com deficiência são sujeitos de suas próprias histórias, protagonizando conquistas e lutas pelo reconhecimento, respeito e aceitação das diferenças. As histórias presentes nesta publicação nos ensinam que o processo de inclusão é interativo e a sua característica dinâmica implica em desequilíbrios, novos equilíbrios, instituição de outros valores e atitudes em função das transformações ocasionadas pela inclusão.

Certamente os leitores e leitoras desta obra terão a oportunidade de dialogar com histórias e vidas que possibilitarão reflexões e deslocamentos na direção da construção de uma sociedade mais inclusiva. Para aqueles que atuam diretamente no Ensino Superior, faço votos de que a leitura desta obra reforce o compromisso de contribuir para a construção de culturas, políticas e práticas cada vez mais inclusivas e que, de fato, façam da universidade um espaço democrático, de todos, com todos e para todos.

Finalizo essa apresentação tomando emprestadas as palavras do poeta espanhol Antonio Machado.

“Caminante, sontu shuellas
el camino y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hacecamino al andar.
Al andar se haceelcamino,
y al volver la vista atrás
se vela senda que nunca
se ha de volver a pisar.”

Como eternos caminhantes que somos, sigamos com a certeza de que a construção de uma universidade inclusiva depende de cada passo que juntos damos. Não há respostas prontas e nem fórmulas mágicas para inclusão. Há sim, pessoas que caminham e que constroem caminhos possíveis rumo à uma educação mais inclusiva e melhor.